

Contribuição para o Estudo dos Periódicos de Enfermagem

-Traços de Perfil do Enfermeiro na Revista Servir (1952 - 1984)*

Ana Loureiro Filipe

Resumo:

Foi no equacionamento sobre as mudanças ocorridas no Ensino de Enfermagem e o estudo das revistas de Enfermagem, que se formulou a reflexão teórica da presente investigação. Assim, partindo da concepção do Ensino do enfermeiro português, prevista na legislação, questionou-se o perfil do enfermeiro numa publicação periódica de enfermagem. De modo a responder à questão formulada desenvolveu-se um estudo de carácter exploratório, com recurso à análise da imprensa, limitando-se temporalmente a investigação às décadas entre 50 e 80. A revista *Servir* foi eleita como fonte de análise devido à perenidade e constância de editor (Associação Católica de Enfermeiros e Profissionais de Saúde). Foram analisados 20 exemplares da *Servir*, obtidos por amostra aleatória e considerou-se cada *texto*, dos exemplares, a unidade de análise. Após a leitura dos exemplares foi construído um instrumento heurístico, sendo este aplicado, posteriormente, aos 325 *textos* em estudo. De entre as conclusões releva-se que, ao longo das quatro décadas, ocorreu uma deslocação dos conteúdos dos *textos* e dos traços de perfil do enfermeiro delineados. É interessante sublinhar que a *deslocação do perfil* acompanha e corrobora aspectos regulamentados na legislação relacionada com o ensino dos enfermeiros em Portugal.

Palavras Chave: Perfil do enfermeiro, Ensino e formação em enfermagem, Periódicos de enfermagem

Introdução

Ao longo das últimas cinco décadas, ocorreram alterações substantivas na Enfermagem (arte/ciência) em Portugal, essencialmente, devido às sucessivas transformações em quatro domínios: ensino, funções que exerce (prática), identidade profissional, e conceptualização e modelagem das práticas do cuidar (paradigmas, teorias e modelos da prática de enfermagem). Se nos centramos no Ensino de Enfermagem, constata-se um percurso de constantes alterações. Da leitura da Legislação, relativa ao Ensino de Enfermagem em Portugal, entre as décadas de 50 e 80, salientamos algumas *notas gerais*, a saber:

- a) criação de diferentes níveis de Ensino de Enfermagem (1952) e confluência, após 1974, para um único nível de Ensino de Enfermagem,
- b) a passagem do Ensino de Enfermagem *infor-*

mal – aprendizagem no *terreno* – para a obrigatoriedade de aulas teóricas, aulas práticas e estágios,

c) existência de diversas tutelas do Ensino de Enfermagem (1952) e, após 1988, dupla tutela ministerial (Ministérios da Educação e da Saúde),

d) aumento gradual da idade de ingresso no curso de Enfermagem,

e) aumento gradual do nível de escolaridade de acesso ao curso de Enfermagem,

f) preferência na admissão de mulheres para o curso de Enfermagem (nomeadamente, durante o Estado Novo) factor que reverte, após a década de 60, para a abertura a ambos os

* Resumo da Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Área de Especialização: Educação, Comunicação e Linguagem – apresentada na Faculdade Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2006

sexos.

Após a década de 80, surgem alterações significativas tanto no Ensino de Enfermagem como, também, na profissão de enfermeiro. Destacam-se alguns aspectos relevantes, por exemplo:

- relacionados com o ensino:

a) Integração do curso de Enfermagem no Sistema Educativo Nacional, a nível do Ensino Superior Politécnico (em 1988) e regulamentação do grau académico de Bacharel em Enfermagem¹;

b) Possibilidade dos enfermeiros frequentarem os Cursos de Estudos Superiores Especializados (CESE);

c) Transição dos enfermeiros que asseguravam a docência nas Escolas Superiores de Enfermagem para a carreira de professores do Ensino Superior;

d) Criação do primeiro mestrado em Ciências da Enfermagem (no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar);

e) Aprovação do regulamento geral do curso de Licenciatura em Enfermagem² com duração de 4 anos (1999);

- relacionados com a profissão:

a) Publicação do diploma da Carreira de Enfermagem (Decreto-Lei 305/81);

b) Publicação do Regulamento do Exercício Profissional dos Enfermeiros (REPE) em 1996³;

c) Criação da Ordem dos Enfermeiros (1998).

A revisão da literatura, não exaustiva, sobre a investigação na área da Enfermagem, em Portugal, revela como principais dimensões de estudo: História da Enfermagem Portuguesa; Paradigmas, Teorias, Modelos, Conceitos; Ensino de Enfermagem; Prestação de Cuidados de Enfermagem; Identidade Profissional do Profissional de Enfermagem; Gestão de Cuidados de Saúde; Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (aplicadas à saúde) e Análise das Publicações Periódicas e Revistas de Enfermagem. (cf. Carapinheiro, 1993; Soares, 1997; Lopes, 2001; Longarito, 2002; Nunes, 2003).

Relativamente às principais dimensões de estudo no âmbito da enfermagem – em acima refe-



ridas – constatou-se um défice de investigações e escassez bibliográfica (e portanto a falta de estudos comparativos) relativas ao estudo do perfil do enfermeiro e às publicações periódicas de enfermagem. Neste sentido, considerou-se pertinente analisar o perfil do enfermeiro nas publicações periódicas de enfermagem, em Portugal, mais precisamente na revista de enfermagem e, relacionar os dados obtidos [na análise] com a legislação relativa ao ensino de enfermagem.

A - Enquadramento Conceptual

Tendo em consideração a temática da investigação e o limite temporal escolhido, optou-se por abordar teoricamente, e de forma não exaustiva, as seguintes temáticas:

Ensino e formação dos enfermeiros portugueses e Publicações periódicas.

1. Breves notas sobre o ensino e formação dos enfermeiros portugueses

Durante a Idade Média, a falta de conhecimentos e o impedimento, por parte dos sistemas religiosos e políticos da época, condicionaram as práticas de investigação e o desenvolvimento da ciência médica. As repercussões destes factos levaram a que, durante a Idade Média, a ciência médica não desse resposta aos problemas de saúde da população. Na Europa, esta evidência resultou em inúmeras mortes causadas por epidemias de várias doenças (tais como a cólera e a peste), factor que reduziu a população europeia em cerca de dois terços. Após este período negro da História da Europa, assistiu-se ao rei-

¹Cf. Decreto-Lei 480/88.

²Cf. Portaria nº 799/D/99 de 18 de Setembro.

³Cf. Decreto-Lei nº 161/96 de 4 de Setembro de 1996. O REPE permitiu regulamentar a profissão, clarificar conceitos, intervenções e funções, bem como as regras básicas relacionadas com os direitos e deveres dos enfermeiros (Nunes, 2003: 340)





⁸ Fator diretamente relacionado com o elevado número de escolas de cariz religioso, por exemplo: Escola de Enfermagem de São Vicente de Paulo (1937), A Escola de Enfermagem das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria (1948), entre outras.

em 1965 permite uma reestruturação do Ensino de Enfermagem, destacando-se as seguintes alterações:

- i) Mudança da tutela no Ensino de Enfermagem, que passa a ser tutelado pelo Ministério da Saúde e da Assistência, na quase totalidade das escolas,
 - ii) Aumento da escolaridade de acesso aos cursos,
 - iii) Criação de “um grupo de estudo para a revisão dos planos de estudo e programas dos cursos de enfermagem”;
- d) Decreto-Lei nº 440 de 11 de Setembro de 1974: são definidas as condições para a atribuição do *título de enfermeiro de 3ª aos Auxiliares de Enfermagem*. Termina o curso de auxiliares de enfermagem ocorrendo, paralelamente, a criação de cursos de promoção, passando a existir, em Portugal, apenas um único nível de formação dos enfermeiros;
- e) Entre 1979 e 1986 destacam-se alguns acontecimentos que interferem com o Ensino da Enfermagem, entre outras, a criação do Serviço Nacional de Saúde (1979) e a aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo (1986);
- f) Decreto-Lei nº 480 de 23 de Dezembro de 1988: o Ensino de Enfermagem é integrado no Sistema Educativo Nacional, a nível do Ensino Superior Politécnico; (ocorrendo o aumento da escolaridade de acesso ao curso, passando a exigir-se o 12º ano de escolaridade).

2. Conceitos relacionados com as publicações periódicas

Balle (2004: 159) define publicação periódica como um “escrito impresso” que apresenta como características: periodicidade regular, continuidade do título, de forma de apresentação, conteúdo actual (mais precisamente *com um conteúdo diferente para dar conta de uma determinada actualidade*). Ainda acerca das características da publicação periódica Tengarrinha, em 1989, já mencionara a *pluralidade de conteúdos* (Tengarrinha, 1989: 52). Relativamente à definição de revista, Santos (1995: 202-204) e Balle (2004: 175) salientam que é

uma publicação de *periodicidade alargada*, de *pequeno formato* e de *grande paginação*. Os autores referem, também, o *ciclo de vida prolongado* das revistas, permitindo guardar os exemplares como livros – por vezes encadernados – por exemplo, em bibliotecas. Santos (1995: 202-204) refere, ainda, outras características específicas das revistas (em geral), sublinha-se o *layout* extremamente cuidado (onde destaca o equilíbrio entre texto e imagem) e a *universalidade temática* das revistas. O mesmo autor salienta como *principais vantagens* da revista a sua apresentação gráfica e o prazo de vida e, acrescenta em contraponto, as *desvantagens*: o elevado custo e tempo de produção (Santos, 1995: 202-204).

Relativamente à definição de periódico especializado em enfermagem, Nunes (2003: 203-204) sublinha a sua função como sendo um instrumento que unifica o papel social e/ou divulga a própria imagem da enfermeira e, acrescenta que é um importante veículo de difusão de informação. A autora salienta, ainda, o facto do periódico especializado em enfermagem ser uma *forma de comunicação* que representa a existência de um *grupo consciente dos seus interesses* (neste caso, relacionados com a profissão de enfermagem). Nunes (2003: 203-204) distingue, também, três factores inerentes à difusão de informação feita pelo periódico de enfermagem, são eles:

- 1) a capacidade de *estreitar as relações* entre os profissionais de enfermagem,
- 2) a capacidade de *proporcionar reflexão* sobre os problemas comuns e
- 3) a capacidade de *garantir informações* actualizadas.

Se atendermos à dimensão histórica das publicações periódicas portuguesas, após 1950, que se prendem com a enfermagem (arte / ciência) e o profissional de enfermagem (enfermeiro), podemos destacar as revistas de enfermagem.

Filiando-nos em Collière podemos sublinhar a importância das revistas profissionais [de enfermagem] na *Literatura de Enfermagem*. A autora refere que a origem do que considera ser a *Literatura em Enfermagem*, é algo recente (remetendo-nos para o século XIX), visto que se





encontra directamente relacionada com o começo da formação escolar das enfermeiras. Collière (1989:115) salienta o facto de encontrar na *Literatura em Enfermagem* uma preocupação constante em definir o papel [*a personagem*] da enfermeira, *sejam quais forem os acontecimentos sociopolíticos e económicos do momento*. No seu texto a autora considera a existência de *dois géneros* distintos de *Literatura em Enfermagem*: os *manuals técnicos* e os *boletins e revistas profissionais*. No que diz respeito aos *boletins e revistas profissionais* considera que estas "(...) *são mediadores poderosos para forjar uma imagem coerente e unificada do papel moral e contribuir para desenvolver o papel técnico*" (Collière, 1989: 114). Acerca da importância de analisar o conteúdo da imprensa profissional – nomeadamente relacionada com as revistas de enfermagem – Collière (1989: 133) sustenta que é um trabalho indispensável para *situar a profissão de enfermeira, evidenciar os modelos propostos, precisar o que valoriza, o que identifica* (...).

Em Portugal as revistas de enfermagem assumiram um papel muito importante ao longo da História da Enfermagem. Fundamentalmente após a década de 50, tornaram-se um meio de divulgação essencial, sendo adoptada como publicação periódica de eleição de diversos *órgãos* portugueses relacionados com a enfermagem, tais como associações profissionais, ordem dos enfermeiros, entre outros. Cronologicamente é possível destacar alguns aspectos relacionados com a história das revistas de enfermagem portuguesas, nomeadamente: nos anos 50 a primeira revista (*Servir*); nos anos 80/90 o aumento significativo do aparecimento de revistas - por exemplo: *Enfermagem* da Associação Portuguesa de Enfermeiros (1985), *Nursing* da Ferreira & Bento Ltd. (1988) - e, após os anos 90, o surgir de revistas, na sua maioria, da responsabilidade das Escolas Superiores de Enfermagem⁹ (por exemplo: *Pensar em Enfermagem*, da E.S.E. Maria Fernanda Resende, 1998 - *Referência* da E.S.E. Ângelo da Fonseca, entre outras).

B - Metodologia

Partindo da concepção do Ensino do enfermeiro português, prevista na legislação, questionou-se **qual o perfil do enfermeiro numa publicação periódica de enfermagem portuguesa, mais precisamente, na *Servir***. Dada a extensão das publicações periódicas portuguesas de enfermagem, circunscreveu-se o presente estudo à análise de uma única revista. A *Servir* foi eleita como fonte de análise em virtude de se tratar de uma publicação periódica de enfermagem, portuguesa, de editor constante – Associação Católica de Enfermeiros e Profissionais de Saúde - e datar dos anos 50 (mais precisamente surgiu em Lisboa no ano de 1952). Ao longo de cinquenta anos, a *Servir* permaneceu com publicações constantes e posicionou-se como uma referência na enfermagem portuguesa, assumindo duas características principais: a perenidade e a pertença constante a um organismo católico. A constância de publicação foi um factor essencial à escolha da revista, dado acompanhar o período temporal delineado para a investigação (circunscrita às décadas de 50, 60, 70 e 80).

De modo a dar resposta à questão central, acima descrita, surgiram três questões periféricas essenciais ao estudo:

- Existem continuidades e discontinuidades nos *textos* [conteúdos] da revista em análise, ao longo dos anos?
- Quais os traços de perfil do enfermeiro português, previstos nos exemplares da *Servir*?
- Será o perfil do enfermeiro, delineado nos exemplares da *Servir*, consonante com o perfil previsto na legislação portuguesa que rege o Ensino do Enfermeiro?

Para consecução do objectivo proposto, e no sentido de encontrar respostas às perguntas de investigação, foi desenvolvido um estudo exploratório, cujos documentos de análise incidiram em 20 exemplares da *Servir*. Relativamente

⁹É de salientar que após 1988, com o ingresso das Escolas de Enfermagem no Ensino Superior Politécnico, as revistas de enfermagem aumentaram significativamente num curto espaço de tempo.

aos critérios de selecção do acervo este foi circunscrito às décadas de 50 a 80. Foram inventariados todos os exemplares publicados nos anos de 1952-1954 (total de 9), 1962-1964 (total de 9), 1972-1974 (total de 18) e 1982-1984 (total de 18), totalizando 54 exemplares. Em cada um dos períodos, anteriormente descritos, foi feita a escolha aleatória de cinco exemplares. Seguidamente procedeu-se ao inventário de todos os títulos dos *textos*, pertencentes aos 20 exemplares que constituem o *Corpus*, perfazendo um total 325 *textos*. É necessário referir que no inventário efectuado não se teve em conta *textos* comuns e recorrentes – *sobretudo, na estrutura formal* – a todos os exemplares da década (por exemplo: o índice da revista), sendo este o critério de exclusão cumprido.

Importa salientar que por *texto* se entende a *unidade de análise* no estudo dos *media* (Carmo *et al.*, 1998; Diniz, 2003). Segundo os autores *texto* remete para um termo *geral* e *neutro*. Para a definição de *texto*, enquanto unidade de análise no estudo dos *media*, filiamo-nos em Carmo *et al.* (1998:79) que o salientam como uma *unidade de informação* que se pode apresentar *com características* e finalidades *diferentes*, por exemplo: notícias (*informar o público*), crónicas (*expressar uma opinião*), artigos (*objectivo formativo*), anúncios (*intenções comerciais, institucionais ou políticas*). Diniz (2003:83), relativamente aos tipos de *texto jornalístico*, acrescenta ainda: os *textos de opinião* (comentários, análises políticas, editoriais), os *comunicados* e os *discursos políticos*.

nalístico, acrescenta ainda: os *textos de opinião* (comentários, análises políticas, editoriais), os *comunicados* e os *discursos políticos*.

Para a análise dos *textos* não foi tida em consideração a sua *extensão*, mas sim, a análise do *texto enquanto unidade*. É importante referir que não foi objectivo quantificar o número de frequência das citações dos indicadores do *texto*, mas sim, a análise do *texto* na íntegra. Cada *texto* foi *segmentado* – através de unidades semânticas – de acordo com os objectivos da análise. É importante salientar que os fragmentos textuais, seleccionados, não são de natureza sintáctica. Os *fragmentos dos textos* continham uma ideia importante (ideia chave) fornecendo-nos *indicadores*, essenciais, para estruturar as categorias.

De modo a facilitar a gestão e compreensão de tão extensos materiais, o estudo foi efectuado em duas fases:

- Primeira fase*: Construção do modelo de análise: instrumento heurístico,
- Segunda fase*: Aplicação do instrumento heurístico aos *textos* dos exemplares da *Servir* (análise quantitativa e qualitativa).

A *primeira fase do estudo*, construção do instrumento de leitura do *corpus*, incidiu sobre o conteúdo dos *textos* dos exemplares da revista *Servir*. O processo da criação do modelo de análise do *corpus* foi moroso e complexo. Partiu-se de

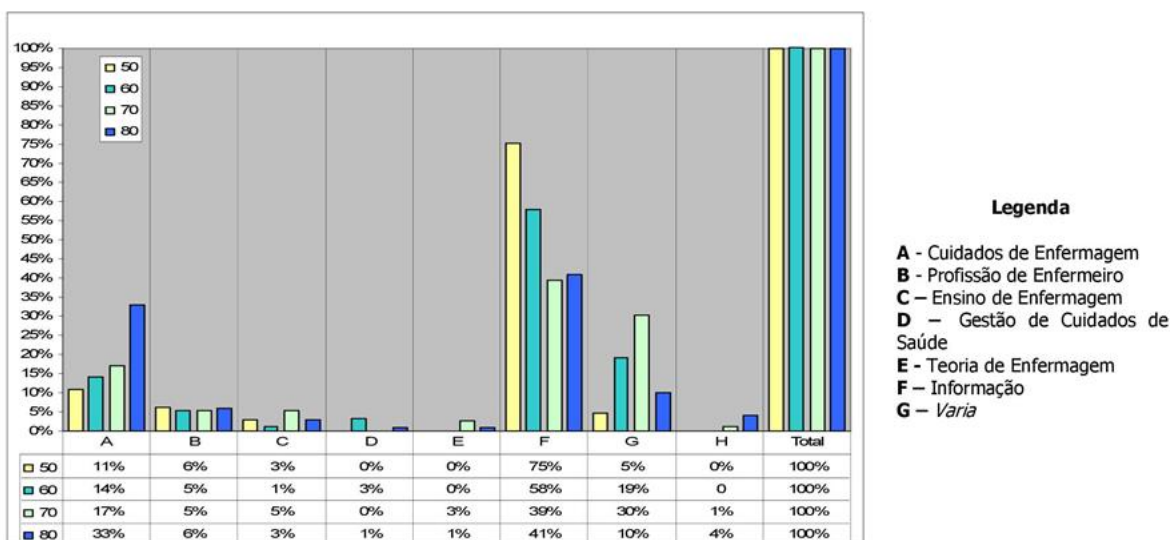


Gráfico nº 1 – Distribuição dos textos, por categorias, no período entre 1952-1984





uma *leitura flutuante* dos *textos* dos exemplares da *Servir* e de *estudos* sobre as publicações periódicas de enfermagem, *pré existentes*, para a criação do modelo de análise. Porém, constatou-se a escassez de estudos sobre as publicações periódicas de enfermagem e, mais precisamente, sobre as revistas de enfermagem. Apesar de escassos, os trabalhos consultados foram essenciais para a construção das categorias, salienta-se os contributos de:

a) Collière (1989), relativamente à análise dos conteúdos inventariados em *revistas profissionais* especializadas em enfermagem onde salienta as *áreas temáticas*: *moral; condições de formação (fundamentadas na moral); aspectos técnicos da profissão; patologias; evolução da profissão; legislação relacionada com a profissão e informação e questões actuais*;

b) Carvalho *et al.* (2001), relativamente à *produção científica dos enfermeiros de Minas Gerais*, onde foram codificadas seis *categorias*, correspondentes a seis áreas temáticas: *assistencial, administração em enfermagem, ensino, profissional, reflexões teóricas e outros*;

c) Basto *et al.* (2003), relativamente às publicações periódicas portuguesas de enfermagem, propondo as categorias de análise: *investigação; reflexão; experiência, informativos*.

O instrumento heurístico construído fundamentou-se nas categorias, acima referidas e, naturalmente, com reformulações efectuadas. Foram definidas *8 categorias* de análise para a leitura dos 325 *textos* inventariados: A – Cuidados em Enfermagem, B – Profissão de Enfermeiro, C – Ensino de Enfermagem, D – Gestão de Cuidados de Saúde, E – Teoria de Enfermagem, F – Informação, G – *Varia*, H – Investigação. Contudo, para afinar a análise foram, ainda, construídas subcategorias de análise, partindo dos requisitos e critérios acima descritos, a saber: A1 - Componente Teórica, A2 - Componente Teórico-Técnica, B1 - Ética e Deontologia, B2 - Legislação e Carreira, C1 - Instituições de Ensino, C2 – Currículo, C3 – Metodologia, F1 – Lazer, F2 - Eventos Académicos, F3 - Doença e Saúde, F4 - Carácter Religioso, F5 - Acontecimentos Sociais.

Após a construção do instrumento heurístico, iniciou-se a *segunda fase do estudo*, a sua aplicação aos *textos* dos exemplares da *Servir* (com o suporte do programa informático *excel*).

C - Apresentação e discussão dos resultados

É interessante registar que os *textos* inventariados aumentaram, de forma muito significativa, da década de 50 (65 *textos*) para a década de 60 (105 *textos*). Contudo, o número de *textos* manteve-se constante nas décadas de 70 e 80 (77 e 78 *textos* respectivamente).

No que diz respeito à *1ª questão* (*Existem continuidades e descontinuidades nos textos [conteúdos] da Revista Servir, ao longo das décadas estudadas?*) verificou-se que, ao longo das décadas, ocorreu um aumento gradual do recenseamento das categorias em análise. Da leitura do **gráfico nº 1** salientam-se os seguintes aspectos:

- a categoria F (Informação) apresenta, nas quatro décadas do estudo, maior percentagem do que as restantes categorias (embora com uma diminuição percentual após a década de 50);

- a categoria A (Cuidados de Enfermagem) apresenta um aumento percentual da década de 50 (11%) para a década de 80 (33%);

- a categoria D (Gestão em Cuidados de Saúde) surge na década de 60 e as categorias E (Teoria de Enfermagem) e H (Investigação) emergem, apenas, na década de 70.

No que diz respeito à análise quantitativa das subcategorias, destacam-se as que apresentaram dominância percentual¹⁰ em cada uma das décadas em estudo:

(i) Década de 50: F4 (Carácter Religioso) 29%; F2 (Eventos Académicos) 23%;

(ii) Década de 60: F4 (Carácter Religioso) 32%; F2 (Eventos Académicos) 16%; A1 (Componente Teórica) 16%;

¹⁰Entenda-se dominância percentual as subcategorias que apresentam maior percentagem e que, por acumulação percentual, registam valor igual ou superior a 50%.

(iii) Década de 70: F3 (Doença e Saúde) 22%; A1 (Componente Teórica) 20%; F4 (Carácter Religioso) 18%;

(iv) Década de 80: A1 (Componente Teórica) 35%; F2 (Eventos Académicos) 20%.

Após a análise qualitativa foi possível responder à 2ª Questão do estudo - *Quais os traços de perfil, do enfermeiro português, previstos nos exemplares da Servir?* – e, ainda, à 3ª Questão - *Será o perfil do enfermeiro, delineado nos exemplares da Revista Servir, consonante com o perfil previsto na legislação portuguesa que rege o Ensino dos Enfermeiros?* Constatou-se que, ao longo das décadas em estudo ocorre uma deslocação do perfil delineado e, ainda, que estas alterações acompanharam aspectos regulamentados na Lei relacionada com o Ensino do enfermeiro português¹¹).

Em síntese :

Década de 50 : É definido o perfil da *enfermeira mulher*, tendo como *modelo ideal* a *Virgem* (Nossa Senhora de Fátima, os Anjos...). A enfermeira é *caridosa, pura, solteira e obediente*, actuando no sentido de *servir a Igreja, o médico e o doente*. Gosta de passear, participando em excursão (por exemplo, às *Berlengas*) e associando os passeios a locais de culto católico (*Santuário de Fátima, Santuário dos Remédios...*). A enfermeira possui *vocação* para a sua *missão* – o seu *Ministério Sagrado*. *Serve e é*

¹¹Escobar (2004:49) salienta que se verifica, a partir do final do século XIX, em Portugal, o início de dois processos confluentes em direcção a uma *formalização da enfermagem*, são eles: a *criação de escolas de enfermagem* e a *legislação sobre o direito de prestar cuidados de saúde por parte de profissionais não médicos*.

¹²Lopes (2001: 58) sublinha que, até aos meados do século XX, o *cuidar*, em enfermagem, incorpora como referências centrais: a *missão humanitária de apoio moral* e o *conforto* aos que *sofrem*, e a *função técnica* de auxiliar do médico, na execução das suas prescrições. A autora acrescenta, ainda, que as *qualidades pessoais da enfermeira* prevalecem sobre as *qualidades profissionais* (reforçando o seu *sentido humanitário* e a sua *subordinação aos critérios técnicos gerados no campo médico*).

¹³Escobar (2004: 59) salienta o *papel do Estado Novo na construção da identidade socioprofissional da Enfermagem ligada a um estereótipo feminino*. A autora refere que o *estereótipo feminino* parece resultar de duas *dinâmicas concomitantes*, por um lado, a *segregação sexual do trabalho dentro da própria profissão* e, por outro, a *regulamentação da admissão de raparigas para os cursos de enfermagem*.

obediente, actuando à cabeceira do doente a zelar e a confortá-lo, tendo uma *atitude passiva*. Preocupa-se em *aprender* as suas *tarefas*, e, também, a *doutrina católica* e a *moral* (fundamental para a sua *actuação*);

A década de 50 é fortemente dominada pela doutrina católica¹², pelo domínio médico e, ainda, pela componente vocacional da *enfermeira mulher*¹³. Os cinco exemplares da *Servir* analisados remetem-nos para o perfil da *Enfermeira Católica Portuguesa*. A enfermeira é descrita como mulher de *vocação*, que tem como modelo as imagens do *Bem*. Os *textos* analisados ilustram a actuação da enfermeira (*serva de Deus, do médico e dos doentes*) assente na obediência ao médico e na preocupação pelo conforto do *corpo e da alma* do doente. É proposto a *Enfermeira Católica Portuguesa* que participe em eventos nacionais e internacionais de formação, nomeadamente congressos, estágios (...). É interessante constatar que a legislação de 1947 e 1952 relacionada com o *Ensino da Enfermagem* regulamenta alguns dos requisitos ilustrados, nomeadamente: a) preferência ao sexo feminino; b) idoneidade moral; c) vocação ; d) necessidade de *estágios mais formalizados*, adequados à teoria das escolas ; e) *competências técnicas e qualidades morais*.

A legislação de 1952 sublinhava, ainda, que a *evolução da medicina* exigia que os *médicos* confiassem, aos enfermeiros, *serviços mais complexos*. Sendo necessário *melhorar a preparação técnica (...)* e *eleva* o *nível social e profissional* [da enfermeira].

É de notar, portanto, a conformidade entre os atributos e características na *Servir* e na Legislação. Sublinha-se: o *sexo feminino*, a *vocação* e aspectos relacionados com a *moralidade*. Salienta-se, ainda, uma coerência entre a Lei e a *Servir*, no que concerne à necessidade emergente em melhorar o Ensino da Enfermagem, de modo a dar resposta à *evolução da medicina*.

Década de 60: O género é maioritariamente feminino, encontrando-se, também, referência à enfermagem masculina. A enfermeira tem, tal como na década de 50, o modelo da *Virgem*, porém encontra, ainda, *novos modelos*, por





exemplo, enfermeiras estrangeiras (nomeadamente, *européias* e *canadianas*) e referências de instituições internacionais (por exemplo, da *Organização Mundial de Saúde*, que salientava como *objectivo levar aos povos um nível mais elevado de saúde*). É *caridosa* e *missionária* e actua no sentido de *assistir* e *aconselhar* o doente. *Colabora* com o médico e *reflecte* sobre as suas funções (é criado, em Portugal, o *Código Deontológico*). Inicia, de forma incipiente, actividades de educação para a saúde (por exemplo, o ensino *às grávidas e puerperas, educação sanitária, ensino da nutrição...*) A enfermeira começa um percurso de emancipação do perfil, iniciando o processo de *olhar-se como profissional* e interrogando: *enfermagem técnica e/ou caridade?* A enfermeira conhece e participa em *associações nacionais e internacionais* (de enfermeiras ou de profissionais de saúde). O seu papel passa pela *gestão* e *administração* de recursos humanos e materiais. Utiliza tecnologias recentes, porém, está ciente da importância da humanização dos cuidados que presta. A *Servir*, na década de 60, sublinha:

- que se reclamam *mais profissionais (mais competentes e com mais formação*, de modo a dar resposta às novas e constantes tecnologias),
- que se inicia um processo de busca por *orientar e fundamentar* a sua prática,

¹⁴Relativamente às funções do enfermeiro " (...) [em 1965] *pretendia-se mais: um profissional apto, eficiente, actualizado e não confinado à enfermagem hospitalar como até então se verificava, de forma a poder trabalhar em qualquer dos campos da saúde: preventivo, curativo e de reabilitação. Continua, no entanto, o regime de internato e a preferência de admissão de mulheres.*" (Escobar, 2004: 61).

¹⁵Na década de 60, os enfermeiros começam a conceptualizar o seu trabalho. Deste modo, inicia-se a utilização dos *diagnósticos* e do *processo de enfermagem*. Ambos os conceitos referidos carecem de uma componente *analítica* e *interpretativa* do profissional de enfermagem, obrigando o enfermeiro a ter uma atitude *activa* perante o indivíduo que cuida (Lopes, 2001: 66,67).

¹⁶Lopes (2001: 59) refere que a *vocação enquanto operador ideológico de construção da excelência profissional*, é objecto de *redefinição* (a partir da década de 50/60). Assim, inicia-se uma *deslocação da valorização dos atributos pessoais* - como *critério fundador da competência profissional* - para a *valorização das competências adquiridas por aprendizagem e sancionadas por um diploma escolar*.

¹⁷Nunes (2003:307) sublinha que foi a partir dos anos 60 que se lançou a discussão sobre a *Ciência de Enfermagem*, salienta, ainda, a importância do contributo da teórica de Enfermagem Virginia Henderson.

- que a enfermeira conhece diversas patologias (por exemplo: *neoplasias, convulsões, oligofrenia...*) e procura *saber mais para ensinar melhor* a população (papel de *educadora para a saúde*), contemplando na sua formação, cursos, congressos e estágios nacionais e no estrangeiro.

Na década de 60 iniciam-se preocupações e reflexões sobre a profissão de enfermeiro ^{14 e 15} e o Ensino de Enfermagem¹⁶, recorrendo-se incessantemente à procura de modelos estrangeiros¹⁷. Os cinco exemplares da *Servir* analisados mantêm o perfil da *Enfermeira Católica Portuguesa* porém, são emergentes alguns aspectos relacionados com a *Emancipação* do perfil, a saber:

- a emergente *internacionalização da enfermeira portuguesa*: para a Europa e para o voluntariado (por exemplo em *Angola*);
- as *condições de trabalho da enfermeira portuguesa*: novas tecnologias, gestão de recursos humanos e materiais, enfermagem masculina, importância do associativismo profissional.

A análise dos *textos* dos anos 60 privilegia, deste modo, uma enfermeira que reflecte e se inquieta, sobre o que a rodeia, indo de encontro a algumas necessidades de formação (mesmo que, para tal, procure o estrangeiro). É interessante verificar que, também na Lei, mais precisamente através da *Reforma de 1965*, se tenta dar resposta à inquietação sentida pelas enfermeiras. Note-se que, até à década de 60, o Ensino de Enfermagem tinha pouca procura (mantinha-se a proibição do casamento e as más condições de trabalho, factores que conjugados, não atraíam os candidatos aos cursos) e, apenas a enfermagem de cariz religioso (as *enfermeiras religiosas*) continua a ter candidatas. A *Reforma de 1965*, vem reestruturar o Ensino da Enfermagem em Portugal. O Ministério da Saúde e da Assistência passa a tutelar o Ensino da Enfermagem (na quase totalidade das escolas), que, até à época, se encontrava sob a égide do Ministro do Interior. É, também em 1965, criado *um grupo de estudo para a revisão dos planos de estudo e programas dos*

Constata-se que, tanto na *Servir* como na Lei, se nota a necessidade da procura de novos saberes, face às constantes evoluções tecnológicas. A *Servir* interroga a enfermagem da técnica e a legislação de 1965 regulamenta a actualização dos planos de estudo e dos programas e prevê a preparação de profissionais de enfermagem aptos para exercer funções nas áreas: preventiva, curativa e de reabilitação. Também a *Servir* introduz, relativamente às funções do enfermeiro, os conceitos de aconselhar, assistir e colaborar (com os outros profissionais). Conclui-se que, relativamente à década de 60, é notória a emancipação da enfermeira da caridade, no sentido da procura de formação e de autonomia. A Lei e a *Servir* propõem, à enfermeira, a abertura de novos horizontes, nomeadamente, através da referência a exemplos, como organizações internacionais – por exemplo a OMS – e associações nacionais.



do miocárdio). Procura, incessantemente, informação (fundamentalmente acontecimentos do *estrangeiro*) sobre aspectos relacionados com a saúde e a doença (novos *tratamentos*, novas *técnicas*...). Na década de 70 continua-se o caminho encetado na década de 60. A enfermeira faz *novas conquistas no campo profissional* e *reflete* sobre aspectos relacionados com a sua profissão (nomeadamente a *integração à vida profissional* e o *seu papel como profissional*). A crescente autonomia adquirida pela enfermeira faz com que tenha preocupações relacionadas com a *Vida Humana*, por exemplo, a *gestação*, a *reprodução* e o *envelhecimento*. Inicia a investigação e aumenta a preocupação com a aquisição de conhecimentos teóricos sobre os cuidados de enfermagem. O Ensino da Enfermagem português contempla Modelos Teóricos (por exemplo, a *Teoria de Maslow*). A enfermeira participa na formação, nomeadamente em cursos, congressos e estágios (*nacionais e internacionais*);

A década de 70 caracteriza-se por ser uma fase incipiente da investigação em Enfermagem, em Portugal. É notório um importante contributo dos conceitos emergentes no estrangeiro¹⁸, das alterações sociais e políticas nacionais¹⁹ e do próprio Ensino da Enfermagem²⁰. Os cinco exemplares da *Servir* estudados privilegiam o perfil da *Enfermeiro Profissional* (o género do profissional é, agora, feminino e masculino). Os *textos* analisados acentuam a sensibilização para a investigação e a teorização da Enfermagem (ou seja, procura-se a discussão da *Teoria de Enfermagem*). É interessante realçar que se destacam experiências estrangeiras relativas:

a) à profissão, por exemplo, a função do *enfer-*

¹⁸Por exemplo: o desenvolvimento de programas espaciais, a invenção do raio laser, as preocupações ambientalistas, entre outras (Nunes, 2003:319).

¹⁹Por exemplo: as primeiras unidades do Serviço de Ambulâncias (1972), o início da democratização do Ensino Superior (1973), a implementação do Regime Democrático (1974), os primeiros passos do Serviço Nacional de Saúde (1979) que consagra, em Portugal, o direito à saúde como universal, geral e gratuito (Nunes, 2003: 319-325).

²⁰Os finais da década de 60 foram percussores de grandes mudanças que se concretizaram nos anos 70, nomeadamente: o *aumento da formação dos enfermeiros* e, consequentemente, o *aumento dos saberes dos seus profissionais*. É de notar, ainda, no que diz respeito à legislação do Ensino da Enfermagem, o desaparecimento das *referências explícitas à preferência de admissão de candidatas* ao curso de enfermagem. (Escobar, 2004: 62).





meio de geriatria

b) às técnicas, por exemplo, o aleitamento materno,

e, se questiona sobre o papel e a importância do enfermeiro enquanto *educador para a saúde*.

No que diz respeito à profissão de enfermeiro, são introduzidos, nos *textos* analisados na década de 70, os conceitos de a) *planeamento*, b) *actuação* e c) *avaliação*.

Os *textos* na década de 70 sugerem maior autonomia do profissional de enfermagem.

A emergência do perfil da Enfermeira Profissional “propõe” à enfermeira a reflexão (por exemplo com preocupações da carreira), formação e investigação. Os *textos* da *Servir* abordam Informações, nacionais e internacionais, sobre saúde e doença e aspectos teóricos dos cuidados de Enfermagem, em detrimento das Informações de Carácter Religioso.

Em 1974, a legislação regulamenta a importância do grupo profissional dos enfermeiros e, termina com o grupo de *auxiliares de enfermagem*. Deste modo, foi possível aos enfermeiros a aquisição de maior grau académico e a existência de apenas um único nível de formação de enfermeiros em Portugal. Após 1974 acentua-se a luta por melhores salários, melhores condições de trabalho e o reconhecimento da profissão de enfermeiro. A liberdade (conquistada no 25 de Abril) permitiu à profissão demarcar-se das restantes profissões de saúde, nomeadamente do médico.

Na década de 70 há uma preocupação maior sobre o Ensino de Enfermagem e a Lei assegura um único nível de Ensino de Enfermagem (continua-se, assim, o percurso de autonomia e afirmação profissional), paralelamente, a *Servir* introduz nos seus exemplares *textos* das categorias E (Teoria de Enfermagem) e H (Investigação)

Década de 80: O género é feminino e masculino (encontrando-se o termo *profissional de enfermagem*). O seu modelo são, fundamentalmente, enfermeiros nacionais e internacionais.



O profissional de enfermagem é prestador de cuidados (*cuidador*), *educador* e *investigador*. Intervém em situações de saúde e doença, de forma autónoma ou como membro activo da equipa de saúde. A enfermagem é tida como profissão consolidada, sendo o profissional *responsável* pela sua actuação (sendo-lhe permitida a *objecção de consciência*). O profissional usa a investigação com a finalidade de *obtenção de novos conhecimentos*, científicos, para contrapor aos conhecimentos decorrentes do *senso comum*. Com o uso da investigação o enfermeiro pretende a *melhoria da qualidade dos cuidados que presta*.

Relativamente à década de 80, os *textos* analisados remetem-nos para a *Emancipação* do perfil do *Enfermeiro Profissional*, com algum sentido de *Investigador e ciente dos seus deveres e direitos*²¹. Os *textos* sobre os Cuidados de Enfermagem (componente teórica) são, pela primeira vez na análise, os mais representados, havendo um cuidado em apresentar um maior número de *textos* teóricos. Constata-se o desenvolvimento da investigação em enferma-

²¹Por exemplo: surge o regime de *Objecção de Consciência para os profissionais de saúde*. O direito de objecção de consciência é um corolário das liberdades de consciência e de religião, permitindo – ao profissional – agir ou não, de acordo com os critérios que informam a maneira própria de agir e estar no mundo (surge ao abrigo do *Projecto de Lei N° 369/111*)

²²Na década de 80 é publicado o diploma da Carreira de Enfermagem (Decreto-Lei n° 305/81). O decreto, tal como salienta Nunes (2003:326) encerra *pressupostos e conceitos que estão na base dos percursos dos anos 90*.

²³Nunes (2003:329-330) salienta que, do ponto de vista geral, existiram dois processos de regularização da profissão de enfermagem em Portugal: na década de 70, o *nível único* e, na década de 80, as *especialidades*, ou seja, os enfermeiros especialistas (salientando a criação das três Escolas Pós Básicas para ministrar Cursos de Especialização).

gem e a consolidação do enfermeiro enquanto profissional²² (com *deveres / responsabilidades* e com direitos, por exemplo, a *objecção de consciência*). Procura-se, deste modo, a consolidação da profissão e o aprofundamento dos conhecimentos teóricos²³.

Na verdade, as condições de acesso, bem como a duração do curso de enfermagem, sofrem alterações significativas na década de 80. Note-se que, após 1988, passa a exigir-se o 12º ano de escolaridade para acesso ao curso de Enfermagem e ocorre a integração, do curso, no Sistema Educativo Nacional ao nível do Ensino Superior Politécnico. Também na década de 80 o Ensino da Enfermagem, em Portugal, sofre alterações substanciais, na medida em que, passa a existir o grau de Bacharel em Enfermagem (curso com a duração de 3 anos) e o Curso de Estudos Superiores Especializados, para enfermeiros que já possuísem o grau de bacharel, possibilitando, aos enfermeiros, a aquisição do grau de Licenciado.

É de notar, portanto, que na década de 80 a enfermagem é uma profissão consolidada. A Lei reconhece o "estatuto" do enfermeiro, atribuindo-lhe o grau académico de bacharel. A *Servir* ilustra o estatuto da enfermeira através de textos, maioritariamente, relacionados com a Prestação de Cuidados de Enfermagem e, com alguns trabalhos de investigação (é sublinhado na revista que o objectivo da investigação em enfermagem, está directa ou indirectamente ligado à melhoria da qualidade dos cuidados de enfermagem).

Considerações Finais

Ao longo das décadas ocorreram, naturalmente, alterações na imagem do enfermeiro, nomeadamente nos traços de perfil previstos nas revistas de enfermagem portuguesas. A *Servir* (fonte do presente estudo) sublinha, nos anos 50, o perfil da Enfermeira Católica caracterizada pela pureza, vocação, missão e caridade. A emancipação, é a característica predominante nos anos 60, sendo a enfermeira caracterizada pela dialéctica entre a caridade e técnica. Nos anos 70 emerge a Enfermeira Profissional, caracterizada como

uma profissional *em mudança* e, por último, nos anos 80, assiste-se à emancipação do Profissional de Enfermagem caracterizado como um profissional que actua e investiga (no sentido de melhorar a sua prática). É interessante sublinhar que, nesta investigação, se constata que as alterações propostas na análise da *Servir* acompanharam aspectos regulamentados na Legislação portuguesa relacionada com o ensino dos enfermeiros. Convém salientar que os resultados do estudo, por um lado, apenas nos revelam tendências e, por outro, são somente um ponto partida para se prosseguir a investigação num *Corpus* não tão limitado.

Apesar das Dissertações de Mestrado e de Doutoramento que se têm defendido em Portugal constata-se que as investigações que incidem na *Literatura em Enfermagem* – nomeadamente nos boletins de educação para a saúde e publicações periódicas - são escassas. No processo de *conhecimento científico*, cada resposta encontrada é sempre um **ponto de partida para novas interrogações** (Lopes, 2001:



191), assim, na continuidade do presente estudo, seria interessante a realização de investigações relacionadas com o estudo das publicações periódicas e o Ensino de Enfermagem, nomeadamente questionar:

- as publicações periódicas de enfermagem: atendendo, também, ao contributo das revistas de enfermagem *on-line*;
- o actual ensino de Enfermagem: considerando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), nomeadamente do *e - learnig*;
- a constituição de uma base de dados dos periódicos de enfermagem nacionais e internacionais.

Tendo em conta que a imprensa permite obter informações sobre o **que se passa, o que aca-**





ba de se passar e o que se vai passar (Balle, 2003:13) e as revistas de enfermagem são importantes *fontes* de pesquisa que contribuem para enriquecer o património dos conhecimentos do Homem (Collière, 1989, 341) torna-se evidente a relevância destas como contributo para a História da Enfermagem.

Referências Bibliográficas

- Balle, Francis (2003). *Os media*. Campo das Letras, 1ªed.
- Balle, Francis (2004). *Dicionário dos media*. Didáctica Editora, 1ªed.
- Basto, Marta *et al.* (2003). A produção do conhecimento em enfermagem: o que escrevem os enfermeiros portugueses? *Pensar em Enfermagem*, Vol.7 – Nº2, pp. 2 -14
- Carapineiro, Graça (1993). *Saberes e poderes no hospital: uma sociologia dos serviços hospitalares*. Porto: Edições Afrontamento.
- Carmo, Hermano *et al.* (1998). *Metodologia da investigação – guia para auto aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, Dacilé *et al.* (2001). Análise da produção científica dos enfermeiros de Minas Gerais publicada em periódicos de enfermagem. *Revista Latino- Americana Enfermagem*, Vol. 9
- Collière, Marie-Françoise (1989). *Promover a vida*. Sindicato dos Enfermeiros Portugueses.
- Costa, Jaime (1999). A geração de 1911 - origem, realização e destino. In Alves, Valente (org.), *1911 – 1999. O ensino médico em Lisboa no início do século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração médica de 1911*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Decreto-Lei nº31 913 de 12 de Março de 1942
- Decreto-Lei nº36: 219 – *Diário do Governo. I Série*. 10 de Abril de 1947
- Decreto-Lei nº38: 884 – *Diário do Governo. I Série*. 28 de Agosto de 1952
- Decreto-Lei nº38: 885 – *Diário do Governo. I Série*. 28 de Agosto de 1952
- Decreto-Lei nº46:448 de 29 de Julho de 1965
- Decreto-Lei nº440/74 de 11 de Setembro de 1974
- Decreto-Lei nº305/81
- Decreto-Lei nº480/88 de 23 de Dezembro de 1988
- Diniz, Pedro (2003). *A dramatização na imprensa do "PREC"*. Coimbra: Colecção Comunicação, Minerva 1ª ed.
- Escobar, Lucília (2004). *O sexo das profissões – género e identidade socioprofissional em enfermagem*. Edições Afrontamento.
- Longarito, C. (2002). O ensino clínico: a importância da orientação e a construção do saber profissional. *Revista Investigação em Enfermagem*, Nº 5, pp.26-33
- Lopes, Noémia (2001). *Recomposição profissional da enfermagem – estudo Sociológico em contexto hospitalar*. Coimbra:
- Moreno, Armando (1998). *Medicina, ciência, e tecnologia*. Lisboa: Glaxo Wellcome Farmacêutica, Lda.
- Nogueira, Manuel (1990). *História da enfermagem*. Porto: Salesianas, 2ª ed.
- Nunes, Lucília (2003). *Um olhar sobre o ombro – enfermagem Portugal (1881-1998)*. Lisboa: Lusociência.
- Portaria nº 799: D / 99 de 18 de Setembro de 1999
- Santos, J. (1995). *Imprensa empresarial – da informação à comunicação* Edições Asa, 1ªed.
- Saraiva, José (2004). *História de Portugal*. Publicações Europa América.
- Soares, Isabel (1997). *Da blusa de brim à touca branca*. Lisboa: Educa e Associação Portuguesa de Enfermeiros.
- Tengarrinha, José (1989). *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2ª ed.

Ana Loureiro Filipe

Enfermeira Graduada no Hospital Curry Cabral (Cirurgia Geral)

Licenciada em Enfermagem

Pós Graduação em Tratamento de Feridas e Viabilidade Tecidual,

Mestre em Ciências da Educação

anafilipe.3@gmail.com